


Tema: <b>Sector Vitivinícola</b>					Âmbito: <b>Nacional</b>	Tiragem: <b>60457</b>
Título: <b>O futuro risonho dos vinhos de mesa</b>					Temática: <b>Generalista</b>	GRP: <b>5.1</b>
2006/09/10	<b>PUBLICO – PRINCIPAL</b>	Pág.13	Imagem: 1/1		Periodicidade: <b>Diária</b>	Inv.: <b>3150.00</b>

# O futuro risonho dos vinhos de mesa

Apresentam-se de feição, no Douro, as perspectivas de futuro dos vinhos de mesa. Nesta festa dos 250 anos da demarcação da região, ainda serão os Porto, as chamadas "categorias superiores" dos vinhos do Porto, que serão mais enaltecidas, aliás com justiça, pois é nelas que assenta a fama mundial do Douro. Em comemorações futuras, os vinhos de mesa, numa primeira fase os tintos, mas a hora dos brancos também chegará, rivalizarão com os generosos.

Tem 20 anos, mais coisa menos coisa, a descoberta de que, no Douro, havia condições para a elaboração de vinhos tintos e brancos de mesa de

## Análise

altíssima qualidade. Andavam distraídos os vinhateiros durienses? É que, desde 1952, Fernando Nicolau de Almeida, da Casa Ferreirinha, fazia na região, em anos de colheitas excepcionais, e só nesses, um tinto que, durante muitas décadas, foi o único grande vinho de mesa português, o Barca Velha.

Seja como for, foi preciso esperar pela década de 1980, mas sobretudo pela de 1990, para se assistir à tomada de consciência generalizada de que o Douro, com a sua diversidade de solos e microclimas e a sua riqueza em castas indígenas, era região vocacionada para a produção de outros grandes vinhos, além dos fortificados. Tal coincidiu com a chegada à região de alguns enólogos com sólida formação académica, sensatos, gente de bom gosto, inquietos, com um ou outro tocado por uma centelha de génio.

João Nicolau de Almeida, actual administrador e responsável pela enologia da Ramos Pinto, filho de Fernando Nicolau de Almeida, formado em Bordéus, regressou a Portugal e, desafiado pelo seu tio José Ramos-Pinto Rosas, um visionário e uma das persona-

lidades decisivas na definição dos novos rumos da enologia duriense, decidiu estudar as castas tintas da região, para elaborar uma classificação das cinco melhores. Foram plantados campos experimentais com mil pés de cada de uvas tintas. Os estudos levaram à conclusão que as cinco primeiras desta lista eram as melhores para o Douro. O modelar e anunciador desta nova fase, o tinto Duas Quintas, de João Nicolau de Almeida, surge em 1990, e é devedor destas experiências.

Nas novas plantações em talhões, como as da Quinta da Leda, da Sogrape, processo liderado por outro enólogo com papel importante na renovação do Douro, José Maria Soares Franco, as vinhas passaram a incluir todas aquelas castas ou algumas delas, mas não se desprezando outras, como a Tinta Amarela ou Sousão, por exemplo. Há, no entanto, uma outra realidade no Douro, a das vinhas velhas, a rondar ou a ultrapassar a centena de anos, com as castas misturadas e escassíssima produção, que fazem o encanto de alguns criadores de vinhos. É esse o caso, por exemplo, de Dirk van der Niepoort, um dos mais influentes vinhateiros do Douro actual, cujos tintos Redoma, Batuta e Charme alcançaram uma notoriedade que há muito ultrapassou as fronteiras portuguesas. Domingos Alves de Sousa, o senhor da Quinta da Gaivosa, lançará também um tinto de uma dessas vinhas, o Abandonado, da colheita de 2004.

O Douro, o duro Douro, que continua longe dos grandes centros urbanos, tornou-se, nas últimas três décadas, o sonho de muitos jovens, enólogos e enólogas. Os resultados,

porém, são compensadores. Os seus vinhos, nomeadamente os Vale de Dona Maria, C.V., Brunheda, Fagote, Pintas, Poeira, Vale Meão, Vértice, Vallado, Gouvias, Três Bagos Grande Escolha, Quanta Terra, Quinta da Casa Amarela, Quinta do Crasto, Quinta de Roriz, Quinta da Touriga Chã, andam literalmente nas bocas do mundo, em algumas das melhores

bocas do mundo. Os progressos na vinha e na vinificação, conjugados com o trabalho e o talento desta gente, explicam que já haja vinhos tintos do Douro que ombreiam com os melhores do mundo. Não há nesta afirmação ponta de exagero.

Daí que destacadas personalidades mundiais do sector como os franceses de Bordéus, Bruno Prats (ex-Château Cos d'Estournel) e Jean-Michel Cazes (Château Lynch-Bages) se tenham associado a produtores durienses. Prats, com a Família Symington, grandes produtores de Porto, faz o Chryseia; Cazes, associados aos Roquette da Quinta do Crasto, o Xisto. São dois grandes tintos com o carácter do Douro e a elegância de Bordéus.

Quanto aos brancos de mesa durienses, o pioneiro Duas Quintas, e os mais recentes Gouvias, Guru, Vallado Reserva, Redoma Reserva, Tia-ra, Vértice, Escolha Pessoal Domingos Alves de Sousa, Maritávora deixam perceber que é tudo uma questão de tempo. Do Douro serão também alguns dos melhores vinhos brancos portugueses. E cairá mais uma ideia feita: a de que o clima duriense, com invernos gelados e verões tórridos, não é bom para vinhos brancos. Ora, ora... ■ DAVID LOPES RAMOS

